



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

LUCAS LOPES DE SANTANA

LADEIRA: UM JORNAL DE BAIRRO PARA BROTAS

Salvador
2007

LUCAS LOPES DE SANTANA

LADEIRA: UM JORNAL DE BAIRRO PARA BROTAS

Memória do trabalho apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

Orientador: Fernando Costa Conceição

Salvador
2007

RESUMO

SANTANA, Lucas Lopes de. **Ladeira: um jornal de bairro para Brotas**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2007, 39 f. Memória (graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo).

Trabalho de memória sobre a produção de um jornal mensal de distribuição gratuita para o bairro de Brotas, em Salvador, Bahia. Reflete sobre os jornalismo de bairro e comunitário, noções clássicas de comunidade e sociedade e seu reatamento na atualidade do lugar. Descreve o processo de elaboração de um jornal impresso e sua inserção em um campo da comunicação.

Palavras-chave: Jornal de bairro, Brotas, Salvador, comunidade, sociedade.

Se a imprensa não existisse, seria preciso não a inventar.

Honoré de Balzac, 1843

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Francinete e Marivaldo. Sua dedicação e amor estavam lá, sempre.

A Cleide, que não me deixou escorregar nas piores situações: seu incentivo é ouro.

Nando: sem sua paciência eu estaria perdido.

Obrigado. Muito.

SUMÁRIO

1. APRESNTAÇÃO	07
2. OBJETIVOS	09
3. JUSTIFICATIVA	10
4. JORNAL DE BAIRRO	13
5. BROTAS	16
6. COMUNIDADES, SOCIEDADES, IDENTIDADES: AINDA EXISTEM?	17
6.1 MUDANÇAS NA SOCIEDADE	17
6.2 IDENTIDADES: EM MOVIMENTO	18
7. ETAPAS METODOLÓGICAS	20
7.1. ENTREVISTAS	20
7.2. LEVANTAMENTO DE PUBLICAÇÕES SEMELHANTES	21
7.3. PÚBLICO	21
7.4 PROJETO GRÁFICO	22
7.5. POLÍTICA EDITORIAL	24
8. CRONOGRAMA	26
9. ORÇAMENTO	27
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30
ANEXO	31

1. APRESENTAÇÃO

Após alguns bons anos de leitura, provas, trabalhos e filmes na rua Barão de Geremoabo, eis que chegou minha vez de escutar a inevitável perguntinha: “qual vai ser seu TCC”? Minha resposta foi imediata e (im)precisa: “qualquer coisa, contanto que tenha a ver com o isso aqui”!

“Isso aqui” é o nosso bom – e não tão velho – Jornalismo, com maiúscula mesmo, fazendo um agrado à tão abalada profissão para qual me preparei. Neste mundo, vasto mundo, uma miríade de possibilidades estavam postas, e outras tantas esperavam por ser imaginadas. Aliás, eis o que atraiu a mim (e a todos os outros) no tal “campo da comunicação”: sua potencial abertura, pelo menos no quesito opções de trabalho.

Entretanto, um produto reúne em si os elementos mais característicos do jornalismo, ao exigir de mim os mais diversos conhecimentos que construí na Universidade, e ainda por cima criando uma alternativa ao simples trabalho como empregado em alguma empresa do ramo.

Faz-se mister ir às ruas gastar sola, ouvir desaforo, e publicar tudo depois. Um jornal. Amém.

Bem, claro que podia ser uma revista, mas os custos de produção se mostram consideravelmente mais altos, e exigiriam uma equipe com a qual não poderia contar. Sem falar que a idéia de jornal irrompeu tão clara que preferi respeitar a Força Maior – ela é capaz de suicidar presidentes da República.

Como ainda não tenho capital para concorrer com tardes, correios nem tribunas, meu império pode começar no bairro onde moro há ligeiros 12 anos. Afinal é chavão dizer que “Brotas é uma cidade”, então pauta é o que não falta (a rima é intencional).

Este Trabalho de Conclusão de Curso é a materialização de uma idéia que me ocorreu umas tantas vezes ao longo de minha passagem pela Facom. Desde quando fiz circular minhas primeiros fanzines por ocasião da disciplina Comunicação Jornalística, tinha vaga intenção de montar uma estrutura de produção jornalística local, obviamente sem intenção de disputar com “os grandes”, mas com o mesmo objetivo: informar; entreter também, *pourquoi pas?* Interessa-me entender os meandros do processo produtivo, que não se restringem a falar e escrever, ou tirar boas fotos, mas abrange uma série de competências empresariais que precisam ser desenvolvidas se o caso é sobreviver em meio ao um esquema empregatício que tanto massacra nossos colegas mais experientes.

Não me pretendo revolucionário, pois nunca erigi nada semelhante. Chego pedindo licença, mas sem baixar a cabeça.

2. OBJETIVOS

Geral:

- Elaborar um jornal impresso mensal para o bairro de Brotas.

Específicos:

- Aprender os mecanismos de estabelecimento e gestão de uma empresa jornalística.
- Pôr em prática conhecimentos e habilidades jornalísticas desenvolvidos durante o curso.
- Criar condições de manutenção do produto para além deste Trabalho de Conclusão.

3. JUSTIFICATIVA

Ao pensar em um periódico, nos deparamos com a escolha do meio mais adequado. Impresso, digital, televisão ou rádio? Os dois últimos foram de pronto descartados devido à complexidade técnica, que demanda equipe especializada nas respectivas tecnologias, portanto altos custos de produção.

O meio on-line foi cogitado, devido às suas vantajosas características para uma produção independente, descritas por Palácios (2003): *multimedialidade*, ou possibilidade de combinar várias mídias (imagens, textos e sons) no mesmo produto; *interatividade*, aproximação maior do leitor com o processo jornalístico através de variados recursos, como mensagens instantâneas; *hipertextualidade*, conexão de conteúdos inter-relacionados; *personalização*, segundo a qual o leitor pode ajustar o veículo de acordo com sua necessidade; *memória*, ou acumulação de informações; e *atualização contínua*, que permite veloz gerenciamento de conteúdos. Tudo isso facilmente operável por leigos e custando muito pouco tanto para o produtor quanto para o leitor.

Todos estes elementos citados acima parecem tornar obsoleta uma publicação em meio palpável. Mesmo assim, preferimos o meio impresso, devido a alguns fatores. Primeiro, o acesso. Pesquisa da Associação Nacional dos Jornais (ANJ) apontam o crescimento contínuo da circulação de jornais no Brasil desde 2004, atingindo variação positiva de 6,5% entre 2005 e 2006, ao passo em que o Comitê Gestor da Internet no Brasil aponta um uso ainda muito restrito da rede: até 2006, cerca de 77%

da população nordestina jamais acessou a internet. Segundo, a mobilidade. O jornalismo digital requer computadores devidamente equipados com acesso à rede, enquanto o impresso já está lá, e ainda pode ser compartilhado. Terceiro, permanência. Apesar dos infinitos bancos de dados, o papel ainda é a mídia mais duradoura.

Quanto à opção pela publicação de bairro: primeiramente, constatamos a falta de veículos informativos orientados para públicos de uma determinada região geográfica em Salvador, em especial de Brotas; segundo, temos vontade de produzir e fazer circular um produto jornalístico mais flexível e experimental, condição possibilitada pela independência do veículo; *last, but not the least*, queremos intervir no bairro, pôr em questão a sociabilidade e a condição de morador.

O periódico é um jornal impresso mensal em formato tablóide, com 8 páginas, tiragem de 10 mil exemplares e de distribuição gratuita. Seu nome é *Ladeira*, uma referência à geografia de Brotas, famosa por seus aclives e declives bem pronunciados, que “destacam” o bairro em uma região central da cidade. Ele oferece informação sobre os acontecimentos do bairro a partir da visão de alguém que presenciou mais de uma década de transformações, e que ainda está atento ao cotidiano de uma das regiões mais populosas de Salvador.

O jornal está orientado para as classes A, B e C, que têm contato mais regular com produtos culturais de uma maneira geral, incluindo impressos. Isso não quer dizer que as pautas ou a linguagem estarão voltadas exclusivamente para estes segmentos. Neste sentido, a seção de esportes, que privilegia a prática amadorística, é um dos possíveis espaços aglutinadores de leitores de perfis sociais diversos.

Sua periodicidade mensal permite abordar assuntos com um enfoque diferente do dispensado pelos diários, cujos *deadlines* impõem a aplicação de determinadas fórmulas na abordagem das pautas, resultando em reportagens padronizadas pelas pressões editoriais e comerciais. *Ladeira* busca uma maneira própria de apresentar os fatos, o que não significa reinventar o jornalismo, mas se permitir experimentar e aprender com os resultados.

4. JORNAL DE BAIRRO

Jornal de bairro, ou local, é um veículo jornalístico destinado à participação e atuação regional, ou seja, de abrangência territorial reduzida a uma subdivisão administrativa da cidade.

Sua linha editorial não visa nem se atém a conteúdos veiculados na chamada “grande mídia”, cujos interesses e fins são distintos da proposta local. As duas formas de comunicação não se opõem, contudo:

“Inicialmente, é preciso definir os lugares da comunicação comunitária e da produção midiática. Isto porque não é possível imaginar que sejam capazes de se contrapor. Por este motivo, a proposta aqui é que se acentue a relação existente, em especial potencializando as facetas positivas dessa relação, que são para a grande mídia a inegável proximidade com a existência concreta das populações, mais bem apreendida pelos veículos comunitários”. (PAIVA, 2006)

As pautas tendem a abordar problemas sociais e políticos ligados à omissão do Estado, visando à sua solução. Outras pautas costumam ser cobertura de eventos, política local, instituições e prestação de serviços. Seu texto tende a ser mais opinativo que o da grande imprensa, como uma tentativa mesma de aproximação com o leitor.

Tais veículos não têm um formato definido a priori, mas sua extensão tende a ser mais modesta que a de grandes veículos. No caso soteropolitano, a maior parte tem formato tablóide e dificilmente atinge mais que 8 páginas. É também comum se chamarem jornais boletins produzidos de forma artesanal e reproduzidos em fotocópias por entidades de bairro,

grupo de estudantes, atuantes ou ativistas de movimentos sociais diversos, e jornalistas que não se identificam com grandes veículos de imprensa.

Existe uma discussão em torno da conceptualização de jornal de bairro em relação a jornal comunitário, enquanto duas formas diferentes entre si de produção de informação e relacionamento com o leitor.

Lerer (1969), apud Melo (2006) afirma que uma linha comum aos jornais comunitários de São Paulo é a de querer servir como veículo dos interesses de uma comunidade, mesmo formá-la. Entretanto, acrescenta: “isto é muito pouco no jornal. O resto é lucro”, em referência às relações dos periódicos com o comércio local. Melo (2006) vai no mesmo sentido: “São canais de comunicação que operam de fora para dentro, quase sempre atendendo interesses que não coincidem com os daquele grupamento humano espacialmente localizado”.

O que está em jogo é o engajamento dos produtores de informação com a região sobre a qual e para a qual realizam seu produto: ou eles estão imbuídos de uma vontade de intervenção social, ou visam ao lucro com a venda de espaço publicitário a pequenos comerciantes.

Nesta dicotomia, a perspectiva do jornalismo comunitário se apresenta como mais “autêntica”: ele é produzido, senão inteiramente, mas em boa medida por moradores, treinados ou não em técnicas de redação e artes gráficas. Seriam “representantes” da parcela da população para quem escrevem.

“[...] o fundamental para um jornalismo *inclusivo* ou o comunitário, enquanto horizonte político-social do jornalismo, é que não se perca de vista seu aspecto principal, ou seja, a capacidade de produzir olhares sobre as coletividades, sobre o outro”. (PAIVA, 2006, grifo nosso)

Aqui, *inclusão* tem a ver com *solidariedade*, aspecto tipicamente associado às comunidades. Elas não teriam visto os laços coesivos entre seus constituintes se tornar *mecânicos*, movidos por interesses racionalizados que os põem em *mútua tensão* (Tönnies, 1973). Retornaremos a esta discussão mais abaixo.

Ladeira se classifica como jornal de bairro, no sentido de que suas pautas e circulação serão orientadas para uma divisão administrativa da cidade. Não se pretende “voz” de grupo social algum, nem arroga para si um lugar de fala institucional. Seu objetivo é tão-somente criar um espaço informativo que privilegie temas locais que não recebem tratamento aprofundado das mídias de grande abrangência.

5. BROTAS

Brotas constitui a Administração Regional 5 da cidade de Salvador. Com área de 1115 ha, é o 9º bairro em extensão. Seus mais de 190 mil habitantes se distribuem por 52 áreas populosas, a exemplo de Cosme de Farias, Matatu, Vila Laura, Luiz Anselmo, Ladeira do Acupe, Engenho Velho, Candéal, Horto Florestal e Campinas. O bairro “nasceu” em 1718 por força de decreto do então arcebispo de Salvador, D. Sebastião Monteiro da Vide, e não parou de crescer ao longo da avenida D. João VI, mais tarde também ao longo dos logradouros construídos nos dos vales que o separam das partes baixas.

As ramificações em que se subdividiu o bairro eram sobretudo fazendas, que foram ao longo dos anos arrendadas em lotes por seus proprietários às primeiras famílias que se instalaram no local. Grande parte foi ocupada por pessoas de posses, e sem qualquer registro, prática que segue nos dias atuais. A Vila Laura, por exemplo, que ainda preserva uma parte do que foi o bairro de Brotas há 100 anos, já teve mais de 80% de suas árvores derrubadas para a edificação de vários conjuntos habitacionais.

Brotas é freqüentemente descrito como um setor autônomo, verdadeira cidade dentro da cidade. Segundo este truísmo, haveria no bairro mais que isolamento geográfico, mas um verdadeiro sentimento *comunitário* entre seus vizinhos, algo que já se teria perdido com o crescimento vertiginoso da urbe. Mas em que medida faz sentido falar em comunidades nos dias de hoje?

6. COMUNIDADES, SOCIEDADES, IDENTIDADES: AINDA EXISTEM?

6.1 MUDANÇAS NA SOCIEDADE

Um dos primeiros questionamentos das ciências sociais foi a passagem de uma determinada forma de sociabilidade, característica da era pré-industrial, para uma outra, urbana e moderna.

O alemão Ferdinand Tönnies, em seu *Gemeinschaft und Gesellschaft* (1887) estabeleceu uma distinção clássica entre comunidade e sociedade. Para Tönnies, chama-se *comunidade* (*Gemeinschaft*) um grupamento social cujos membros possuem certa “vontade espontânea” (“*Wesenswille*”) de serem meios através dos quais o grupo atinge seus propósitos; a coesão, o grupo em si é o fim último das práticas e expectativas dos atores sociais. São grupos baseados em ligações familiares e vizinhança, que partilham um repertório cultural estável e tradicional, transmitido ao longo de gerações.

Neste sentido pensa o também alemão Max Weber: “chamamos comunidade a uma relação social quando a atitude na ação social – no caso particular, em termo médio ou no tipo puro – inspira-se no sentimento subjetivo (afetivo ou tradicional) dos participantes no sentido de constituírem um todo” (in FERNANDES, 1973).

Já a sociedade (*Gesellschaft*) é caracterizada pelo individualismo de seus membros, que, contrariamente ao caso anteriormente descrito, vêem no grupo uma maneira de atingir seus

próprios fins. Trata-se da sociabilidade contemporânea dos grandes centros urbanos, com sua experiência cotidiana multifacetada e mesmo cruel com os que nela vivem. “[...] é um grupo de homens que, vivendo e permanecendo de maneira pacífica uns ao lado dos outros, como na comunidade, não estão organicamente unidos, mas organicamente separados; enquanto que na comunidade estão unidos, apesar de toda separação” (Tönnies, 1973).

6.2 IDENTIDADES: EM MOVIMENTO

No caso latino-americano, os meios de comunicação massivos exerceram – e exercem – forte influência na construção de uma identidade nacional. Eles se tornam necessários num contexto no qual povos de origens as mais díspares foram postos em um mesmo território e tiveram de aceitar que compartilham algum tipo de herança comum, que os torna semelhantes em oposição a outros de territórios diversos. A televisão e o rádio emergiram como suportes ideais para este fim, pois apelam diretamente a recursos de sentido que não exigem escolaridade do receptor. Nada mais adequado, portanto, para um contexto de populações inteiras legadas ao analfabetismo.

Estes meios fazem parte de um processo maior, a globalização de mercados e culturas. Ela trouxe conseqüências sérias para a maneira como pessoas se vêem e se definem; de um papel organizador e integrador, passam a desorganizar, para recompor o repertório cultural dos receptores; trazem códigos e mensagens de lugares e culturas distantes para o centro da sala de jantar. Um menino morador de uma favela pode ter o ator Bruce Lee como ídolo, e sonhar com as jogadas dos astros de basquete estadunidenses da NBA. “A globalização implica um movimento de distanciamento da idéia sociológica clássica de ‘sociedade’ como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida

social está organizada no tempo e no espaço” (GIDDENS, 1990, apud HALL, 2006). Ora, o que os meios massivos fazem é justamente atuar sobre as noções de tempo e espaço, comprimindo-os ao toque de um botão de controle remoto ou abrir de páginas.

As identidades passam a ser continuamente reconfiguradas. Não sem conseqüências: também os valores sofrem pressão de todos os lados para serem rearticulados; e o são, mas a muito custo, pois não é simples captar o ritmo e o rumo das transformações. Hall (2006) não pensa em um esmagamento das identidades locais por agentes alienígenas, mas em uma reconfiguração de ambas as estruturas. “Parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, instantaneamente, *novas* identificações ‘globais’ e *novas* identificações ‘locais’.

Brotas se apresenta majoritariamente como *sociedade*. O discurso de que lá existe maior proximidade entre vizinhos, laços mais estreitos entre os moradores, não é suficiente para atribuir ao bairro a caracterização de *comunidade*.

7. METODOLOGIA

Para chegar ao produto final, passamos por etapas fundamentais para a compreensão da elaboração de um produto jornalístico e de seu conteúdo. Fixou-se um cronograma, a partir do qual os seguintes procedimentos foram realizados:

7.1. ENTREVISTAS

A princípio foram realizadas entrevistas com jornalistas que atuam em jornais ditos “alternativos” sobre a viabilidade de um projeto como esse. Houve consenso no tocante às dificuldades de manter um veículo impresso local independente em Salvador.

Thiago Marinho, editor do jornal *Radar* (Rio Vermelho), falou sobre a relação com os anunciantes. Sua experiência mostrou uma tendência mais favorável ao anúncio na primeira edição em detrimento das seguintes. Para ele, o mercado de bairro encolhe rapidamente, se mostra cauteloso na hora de manter o contrato, preferindo meios de alcance mais direto, como rádio e televisão.

Antônio Nykiel, da *Folha do Canela*, avaliou como percalço a inexistência de divisão organizacional de tarefas entre os profissionais, que terminam por despender tempo e dinheiro indefinidos para manter o veículo em atividade.

7.2. LEVANTAMENTO DE PUBLICAÇÕES SEMELHANTES

Realizou-se um levantamento de publicações impressas de bairro. As que mais se aproximaram de *Ladeira* são *Folha do Canela* e *Radar*. Estas semelhanças residem no formato e na circunscrição local. As políticas editoriais permanecem distantes. Ambos os jornais citados fazem um apanhado de faits-divers. *Radar* também possui sessão de entrevistas, mas parece não privilegiar pessoas do bairro.

7.3. PÚBLICO

O público leitor de *Ladeira* deve ser entendido como o mesmo dos grandes meios. Seu hábito de leitura de periódicos o torna mais favorável a assimilar outras publicações. Este leitor está situados nas classes A, B e C, devido aos níveis de escolaridade mais elevados, que tendem a despertar o interesse pela aquisição de informações.

Ladeira, como salientado anteriormente, não pretende concorrer com os veículos de grande porte, mas funcionar no circuito de complementaridade próprio dos subcampos da comunicação.

O jornal terá distribuição gratuita, seguindo tendência observada em periódicos recentes da Europa e dos Estados Unidos. Distribuídos em terminais de transportes coletivos ou enviados por malas-diretas, alcançam públicos os mais diversos, proporcionando leituras rápidas para seus cafés-da-manhã ou viagens até o trabalho.

A gratuidade mostra-se a menos arriscada financeiramente, pois não traz os riscos da concorrência direta com publicações pagas. Os recursos advirão da venda de anúncios publicitários. Iglesias e Verdeja (1997) entendem que “la prensa gratuita surge de la confluencia de diversos factores, entre otros, como consecuencia de los procesos de *localización y especialización* de la prensa”. *Ladeira* é parte desta localização dos meios, ao voltar-se para uma região geográfica de Salvador.

7.4. PROJETO GRÁFICO

A definição do projeto gráfico foi considerada etapa fundamental do projeto. Um arranjo inadequado dos elementos textuais e imagéticos pode resultar em perda de valor informativo e conseqüentemente de interesse dos leitores. Este aspecto pareceu ser uma das principais deficiências dos jornais locais: em sua busca por menores custos de produção, muitas vezes tentam elaborar o visual do jornal com técnicas amadorísticas. O resultado não tende a ser dos melhores.

Ladeira levou em consideração os quatro fatores principais que Amaral (1978) aponta na confecção de um projeto: *valor informativo* é o principal, e tem a ver com o lugar onde os elementos serão dispostos, facilitando ou dificultando a chegada do leitor; *legibilidade*, segundo a qual é contraproducente exigir maiores esforços para a leitura; *beleza*, pois é precisamente disso que falamos – tornar a página atraente; e *estilo*, marca própria do veículo, desenvolvida no tempo.

Em sua capa, *Ladeira* privilegia imagens. Elas se distribuem pela página como um painel no qual as notícias estão afixadas. A idéia é compor uma narrativa, em consonância com Bahia

(1990): “a narrativa visual encontra no jornalismo o lugar talvez mais favorável para se exprimir”. Esse contar se traduz em fotografias. “Atraída pelo jornalismo, a fotografia encontra nele um ambiente natural [...] Para a fotografia, o jornalismo procede como um agente – dos mais qualificados – de novas posturas. É mobilizador de mudanças. É deflagrador de rupturas, mitos” (BAHIA, 1990).

A capa de *Ladeira* é como uma coleção de fotos, distribuídas seguindo a paginação das notícias que elas anunciam. Este arranjo leva em consideração os critérios de *newsworthiness* – noticiabilidade – sistematizados por Wolf (1987). Segundo o autor, texto acompanhado por imagens ganha em *valor-notícia*, ou seja, têm mais peso na seleção do que vai ser publicado. A manchete de capa é representada em uma foto maior, enquanto que as outras chamadas recebem boxes. Estes são preenchidos com fotografias dos fatos noticiados.

Um detalhe-chave do projeto gráfico é sua marca. Ela dialoga com a idéia da altitude de Brotas, que se reflete na vida cotidiana em forma de aclives e declives a serem transpostos no fluxo de saída e entrada do Bairro. O cabeçalho é composto por fotografia de alguma ladeira acrescida de composição eletrônica da marca. Cada edição terá um cabeçalho diferente, cada qual com uma ladeira. O elemento humano deverá constar em todas os cabeçalhos. Para a primeira edição foi escolhida a rua Maria Romana Calmon, no Jardim Caiçara.

Ladeira é composto por boxes retangulares que contém os textos das matérias e as imagens. Duas extremidades são angulosas, e as outras suaves, opostas pelo vértice. Cada box-matéria tem uma cor diferente, afim de destacá-la em relação às demais.

A fonte utilizada foi Myriade Pro. Por não ter serifa, poderia se tornar cansativa à leitura prolongada. *Ladeira* possui 8 páginas em formato tablóide, o que permite uma leitura mais dinâmica do material. Outro fator que reduz o risco de fuga do leitor são as cores e distribuição das imagens. Fontes sem serifa se ajustam bem ao propósito do jornal, que adota um estilo próximo das revistas.

Para a editoração foi contratado o designer Nando Cordeiro, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. Ele concebeu o projeto gráfico e diagramou os textos e imagens.

7.5. POLÍTICA EDITORIAL

Ladeira aborda fatos e tendências de alguma forma relacionadas a Brotas. Isso não quer dizer que todas as suas pautas estejam voltadas para acontecimentos do bairro, mas que a matéria principal traga conteúdo local. Esta é assinada, e sua chamada ocupa o espaço de maior destaque na capa. Em segundo grau de prioridade estão as matérias de cultura e esporte, não assinadas, que ocupam as páginas 4, 5 e 6. Uma personalidade do bairro será o alvo da entrevista, que ocupa a penúltima página. Nesta edição inaugural, as páginas 6 e 7 serão dedicadas ao personagem.

O jornal traz ainda colunas diversificadas, assinadas por pseudônimos. Esta escolha deriva da necessidade de espaços opinativos, nos quais temas da atualidade sejam postos em perspectivas mais abertas que as da mera exposição. Neste sentido pensa Luiz Amaral:

“a coluna é uma espécie de *área privativa* com regulamento próprio onde se misturam em intimidade, sobre assuntos gerais ou temas específicos, notícia e comentário, entrevista e interpretação, humorismo e gravidade, tudo em textos curtos, em forma de pílulas, e com certa liberdade de expressão” AMARAL (1978).

Os pseudônimos são um recurso já consagrado de criação literária e jornalística que preserva a figura do autor, conferindo-lhe mais liberdade para sua criação. Informações e experiências de muitas fontes podem se combinar em um estilo próprio daquele personagem, tornando-o um atrativo à parte no jornal.

8. CRONOGRAMA

Atividades	Período (2007)
Pesquisa bibliográfica	Julho, agosto e setembro
Conversas com profissionais	Outubro
Levantamento de publicações afins	Outubro
Pesquisa editorial	Outubro
Desenvolvimento do projeto gráfico	Novembro
Redação	Novembro
Estudo dos custos de produção	Novembro
Apresentação da memória	Dezembro
Prospecção de anunciantes	Dezembro
Fechamento da primeira edição	Dezembro
Lançamento da primeira edição	Dezembro

9. ORÇAMENTO

Gastos	Custos estimados
Impressão off set de 10 mil tablóides 4 x 4 cores com 8 páginas	R\$ 1500,00
Projeto gráfico e diagramação	R\$ 240,00
Distribuição	R\$ 100,00
Total	R\$ 1840,00

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer um jornal circular não é moleza. *Ladeira* consumiu meses de idas e vindas, frustrações e descobertas, nos quais os conhecimentos adquiridos durante meu período na Facom fizeram toda a diferença. Escrever, fotografar e entregar tudo para alguém editorar é apenas a ponta de todo um longo processo de amadurecimento intelectual, durante o qual muitas outras vivências são incorporadas ao saberes teóricos. A experiência proporcionou uma compreensão ampliada da comunicação jornalística, pois tive de lidar com todas as etapas da produção editorial, que em redações de grande porte ficam a cargo de profissionais experientes, longe dos *focas*.

De início, temia não conseguir chegar ao produto que eu esperava, devido à carga de conteúdo que deveria levantar. A opção de trabalhar sozinho me deu mais agilidade para tomar decisões, mas dificultou a apuração e a diversidade das pautas. Cheguei a pensar em um formato quinzenal com metade das páginas, mas acabei por voltar atrás ao ter os primeiros textos diagramados. Se cortasse muito, o jornal ficaria vago. Mesmo assim tive de fazer alguns aparos.

A continuidade deste projeto está condicionada ao fator que sempre tira o sono dos independentes: anunciantes. Sem uma fonte externa de recursos, não há como compensar os gastos com editoração e impressão. Isto sem falar das apurações, que exigem gastos de

proporções indefinidas, quando o objetivo é a qualidade. Ligações telefônicas, transporte e acessórios técnicos custam muito, e excederam minha expectativa de orçamento. Entendi por que este gênero de iniciativa não costuma render mais do que algumas edições, ou ser esparso, sem periodicidade.

O jornalismo alternativo exige muito de dedicação e espírito para lidar com as adversidades, que parecem a todo tempo sair do controle. Mas a boneca em mãos transforma a angústia em incentivo. Dá vontade de não parar.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Luiz. **Jornalismo: matéria de primeira página**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1978, 2ª ed.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo**. São Paulo: Editora Ática, 1990, vol. 2, 4ª ed.

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**. São Paulo: Editor Folco Masucci, 1969.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Editora Ática, 1991, 5ª ed.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005, 10ª ed.

IGLESIAS, Francisco e VERDEJA, Sam. **Marketing y gestión de periódicos**. Pamplona: Eunsa, 1997, 2ª ed.

LAGE, Nilson. **A reportagem - teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2006, 6ª ed.

LUBISCO, Nídia M. L.; VIEIRA, Sônia Chagas. **Manual de estilo acadêmico: Monografias, Dissertações e Teses**. Salvador: Edufba, 2003, 2ª ed.

MATTELART, Armand e Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003, 6ª ed.

MELO, José Marques de. **Teoria do jornalismo – identidades brasileiras**. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

PALÁCIOS, Marcos. **Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória**. In: MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (Orgs), **Modelos do Jornalismo Digital**, Salvador: Editora Calandra, 2003.

PAIVA, Raquel. **Jornalismo comunitário: uma reinterpretção da mídia (pela construção de um jornalismo pragmático e não dogmático)**. Revista FAMECOS. Porto Alegre: agosto de 2006, nº 30.

TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais**. In: FERNANDES, Florestan. **Comunidade e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

WEBER, Max. **Comunidade e sociedade como estruturas de socialização**. In: FERNANDES, Florestan. **Comunidade e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

WOLF, Mario. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

Anexo



O JORNAL DE BROTAS

ARTE NOVA MOVIMENTA O
TEATRO DA BOA VISTA



Renata Lopo/Labfoto

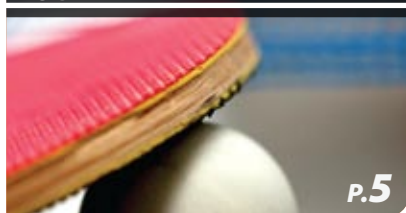
P.4

CAMINHADA LEMBRA ANIVER-
SÁRIO DE PIERRE VERGER



Lucas Santana

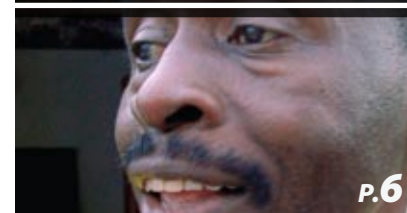
MESATENISTAS QUEREM
LUGAR PARA TREINAR



Sotck X'chng

P.5

CONSCIÊNCIA NEGRA E CAN-
DOMBLÊ COM JORJÃO BAFAFÉ



Lucas Santana

P.6

E AGORA?



OCUPAÇÃO DO EDIFÍCIO
MATELBA ESTÁ FORA
DAS PROPOSTAS DE
HABITAÇÃO ENVIADAS
AO GOVERNO FEDERAL
PELA PREFEITURA. NO
TOTAL, R\$ 30 MILHÕES
FORAM SOLICITADOS
PARA PROJETOS EM
DIVERSOS BAIRROS.

ESTE ANO A OCUPAÇÃO
JÁ PARTICIPOU DO
EDITAL. NA SELEÇÃO
ANTERIOR, 99% DOS
RECURSOS PREVISTOS
PARA A CIDADE
FORAM DESLOCADOS
PELO MINISTÉRIO
DAS CIDADES PARA
AUMENTAR OS
COFRES DO PLANO
DE ACELERAÇÃO
DO CRESCIMENTO,
PRINCIPAL PROGRAMA
DO SEGUNDO
MANDATO DE LULA.
COMO É QUE FICA?

P.3

Lucas Santana

EDITORIAL

MAIS um jornal ganha as ruas de Salvador. Mais um tablóide se propõe a levar conteúdo jornalístico diversificado ao público de um bairro, numa linguagem diversa dos – poucos – grandes veículos impressos. O que Brotas pode ganhar com o aparecimento de uma publicação como tantas outras que vão e vem sem provocar qualquer diferença no panorama da comunicação na cidade?

O leitor tem em mãos uma tentativa de organizar a realidade de Brotas em uma publicação mensal, e o melhor: gratuita. **LADEIRA** traz uma matéria principal acompanhada por fatos e situações significativas. Uma entrevista especial apresenta vidas e opiniões de figuras destacadas na cultura local. Esporte também entra na pauta, com preferência para o amador. Charges e tirinhas do artista plástico Marcos Mário exploram o cotidiano e o univer-

sal escondidos nas esquinas das grandes cidades. Artigos sobre economia e política têm espaço garantido. Artes e entretenimento não ficam de fora, sempre tendo em vista nosso bairro.

LADEIRA surge de uma inquietação com a falta de opções de meios impressos na capital baiana. Fora os três grandes diários, podem ser encontrados exemplos esparsos de iniciativas jornalísticas “independentes”. Entre aspas mesmo, pois a grande questão que atormenta os esrivinhadores de plantão é como fazer suas idéias circularem com os altos custos de impressão e escassez de anunciantes. Existem os jornais-laboratório das cada vez mais numerosas faculdades de comunicação, os periódicos de conteúdo genérico destinados à veiculação de anúncios, e os projetos informativos, no qual este se enquadra. Os primeiros tem tiragens vultosas, garantidas pelas institui-

ções; os segundos pagam a sua produção, e ainda dão lucro, mas não têm objetivos editoriais consistentes – quando têm algum. O último caso é complicado: sem departamentos comerciais nem apadrinhamentos de qualquer natureza, têm de se virar como podem para garantir a circulação de cada exemplar. Com tanta correria para elaborar o conteúdo, não geram lucros, pelo contrário: viram uma dor-de-cabeça para seus produtores, que muitas vezes têm já mais de um trabalho para assegurar sua sobrevivência. Esses, obviamente, não costumam durar muito, apesar da qualidade geralmente mais elevada.

Para encontrar **LADEIRA** em Brotas, sabemos que não há dificuldade. Nos shoppings, associações de moradores, bares, restaurantes e centros culturais, pode dar uma olhadinha. Não faz mal olhar um pouco para nosso próprio umbigo. ▀

AQUELE ABRAÇO

ADÃO SILVA

O QUE O COLAPSO DE UMA GRANDE EMPRESA DE UM SETOR BASTANTE RESTRITO TEM A VER COM SEU COMÉRCIO? A BRA DEIXOU MUITA GENTE NA SAUDADE, MAS TAMBÉM UMA IMPORTANTE LIÇÃO.

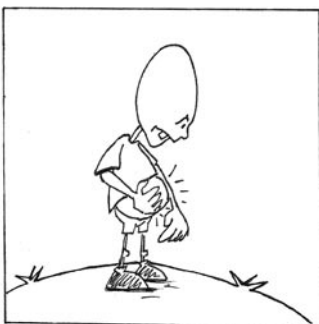
VOAR pelo preço de uma passagem de ônibus, mas chegando ao destino em menos da metade do tempo. Bom demais pra ser verdade. É o que parece, pois o que era bom durou pouco. Quem começou a mudar seus hábitos de viagem com a ascensão da BRA teve de deixar as barbas de molho com a quebra repentina da empresa, e voltar à velha maneira de cruzar as intermináveis distâncias de nosso país, amargando os riscos de sempre: imprudência, péssimas vias e assaltos. Mas como a empresa revelação do transporte de passageiros escorregou tão feio?

A BRA foi um passo à frente nos negócios dos irmãos Humberto e Walter Folegatti, donos de uma empresa de transporte rodoviário, rede de hotéis e agência de turismo. Devido à demanda cada vez maior por pacotes de viagem foi necessário ter aviões próprios para acomodar os clientes. No começo eram apenas vôos charter (fretados) para o Nordeste, mas o negócio rendeu: em 2005, apenas 6 anos após suas primeiras decolagens, a empresa passou a operar vôos regulares pelo Brasil. Logo de cara ela abocanhou 4% do mercado, e pensou alto. A intenção era fechar 2009 com mais de 70 aeronaves e 25% de participação no mercado nacional, fora os trechos para o exterior. Mas para crescer, é necessário investimento.

A Brazilian Air Partners (BAP), grupo de investidores estrangeiros do qual faz parte Armínio Fraga, ex-diretor do Banco Central, acreditou na idéia e resolveu injetar R\$ 180 milhões na companhia aérea. Mas nada é de mão beijada: eles ficaram com 20% do controle da BRA, que ainda por cima deveria lançar ações na bolsa em três anos. Outra condição era que a direção passasse para uma equipe de executivos profissionais. Os Folegatti continuariam donos, só não meteriam a mão na massa.

Esse foi o problema. Não habituados ao jogo pesado do mercado aéreo, os irmãos mantiveram os negócios centralizados sob sua tutela. Corre a história de que até os cheques para compra de combustível tinham que passar por Humberto e/ou Walter, senão nada feito. Não tinha como dar certo. Tanta concentração engessa as decisões, que precisam ser velozes na selva da concorrência. Este colunista presenciou um caso bem ilustrativo do mangue que a empresa virou: dezenas de pessoas indignadas no check-in de Guarulhos reclamavam de um atraso. Mas a culpa não era dos controladores de vôo – simplesmente não havia tripulação para embarcar. Isto, em julho, era uma pista da quebradeira de novembro.

Não importa se falamos de uma grande transportadora de passageiros ou de nossa loja. Agilidade nas decisões sempre faz bem aos negócios, e o cliente agradece. ▀



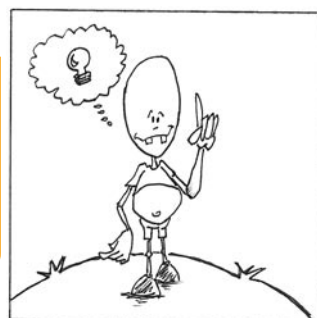
QUER DESCER OU SUBIR?
Empurre suas vendas ladeira acima.

ANUNCIE AQUI!
(71) 8888-7756

NÃO GOSTOU? PROBLEMA NOSSO!

Entre em contato e sugira pautas e correções.
Também vale elogiar.

(71) 8888-7756
ladeirajornal@gmail.com



Marcos Mário

EXPEDIENTE

Jornal Ladeira
Editor: Lucas Santana
Fotos: Lucas Santana, Cleide Craw, Renata Lopo e Stock Xchng
Projeto gráfico e editoração: Nando Cordeiro / Patapata Design
Tiragem: 10000 exemplares
Impressão: A Tarde Serviços Gráficos





OCUPAÇÃO DO MATELBA FICA PARA DEPOIS

LUCAS SANTANA

REQUALIFICAÇÃO DO IMÓVEL FORA DO PROJETO QUE SOLICITA R\$ 30 MILHÕES PARA HABITAÇÃO SOCIAL EM SALVADOR EM 2008

PÉ no freio para as 14 famílias ligadas ao Movimento dos Sem-Teto de Salvador (MSTS) que ocupam há 4 anos o edifício Matelba (Rua Manari, Jardim Caiçara). O imóvel não foi incluído no conjunto de projetos de habitação que enviados no dia 30 de novembro ao Ministério das Cidades para receber recursos do Fundo Nacional de Habitação com Interesse Social (Fnhis). No total, 1 bilhão de reais serão destinados à construção e requalificação de imóveis para famílias com renda de até três salários mínimos de todo o país em 2008. Para Salvador estão previstos cerca de R\$ 30 milhões.

Três projetos de construção e outros três de urbanização foram aprovados. Estão previstas a renovação de áreas em Nova Mata Escura, Vila Metrô (Mata Escura) e Vila Verde (Estrada Velha do Aeroporto), além da construção de habitações em Mussurunga, Vila Perseverança (BR 324), e edifício Irte (Largo dos Mares).

A decisão foi tomada na reunião de novembro do conselho gestor do Fundo Municipal de Habitação. Criado em 2002, mas regulamentado apenas este ano, o Fundo tem por objetivo buscar financiamentos que via-

bilizem programas de moradia com interesse social. Sua composição engloba o setor público e movimentos sociais.

O edifício estava na proposta anterior, enviada em maio. Na ocasião, dos R\$ 42 milhões solicitados para diversos projetos, apenas R\$ 40 mil foram aprovados. Uma obra de assistência técnica em Mata Escura será a beneficiária. Os 99% restantes foram redirecionados pelo governo federal para o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). "Sequer dispomos ainda dos recursos aprovados, pois eles passam por uma avaliação demorada, meticulosa, da Caixa Econômica Federal. Esperamos que isso se resolva até o fim do ano", diz Luís Robledo,

SEGUNDO O IBGE, O DÉFICIT HABITACIONAL (FALTA DE RESIDÊNCIAS) DE SALVADOR É DE 170 MIL UNIDADES, NA BAHIA SÃO 657 MIL. OS DADOS SÃO DE 2005, OS MAIS ATUAIS.

gestor do Fundo de Habitação da prefeitura.

"Nossa expectativa é que todos os projetos sejam aprovados", afirma Idelmário Proença, um dos coordenadores do MSTS e membro do Conselho. Segundo ele, as avaliações realizadas pela Prefeitura indicam que as ocupações apresentadas na proposta atendem aos requisitos do Ministério. "Escolhemos estas ocupações por serem mais viáveis. Elas cabem no orçamento e podem ser viabilizadas sem maiores complicadores", diz.

Para a liderança do movimento, os ocupantes do Matelba não foram esquecidos, pois enquanto o prédio não receber financiamento, as famílias serão alocadas passo a passo em outros programas, como o Crédito Solidário da Caixa.

Os recursos não têm data certa para chegar. Depois do envio das propostas, segue um longo processo de análises do Ministério e da Caixa Econômica, responsável pelo repasse, de modo que é ainda cedo para previsões.

REQUALIFICAÇÃO

Para o Matelba está prevista uma obra de requalificação, ou

21 DE AGOSTO É O DIA DA HABITAÇÃO.

seja, transformação em unidade habitacional. Isso só seria possível mediante a construção de outro prédio, pois o atual não tem condições de ser reaproveitado para acomodar uma quantidade de pessoas que justifique o investimento.

O prédio foi ocupado em março de 2004, quando 150 famílias quebraram as grades e se ajeitaram como puderam nos dois pavimentos, que, somados aos corredores externos, resultam em uma área de 700 m². Pouco para tanta gente, em um lugar que apresentava características de longo abandono. "Queríamos gente suficiente para resistir e conseguir estabilizar a ocupação", explica Alaíde Santana. "Foi importante também para ajeitar o prédio, que estava cheio de entulho e lixo, tomado pelo matagal", acrescenta Juceli Brito. As duas são as únicas ocupantes iniciais que ainda moram lá.

Segundo vizinhos, no prédio funcionou por cerca de 6 anos a empresa de radiocomunicação Matelba, com sede no Espírito

Santo. Seu dono, Maurício Capatto, o teria comprado ainda como casa térrea. O sucesso dos negócios levou à ampliação, e a tranqüila rua ficou movimentada. Vieram dificuldades, e ele alugou o espaço a uma casa de confecções e a um revendedor de artigos para táxis. Sem motivo aparente, deixou de visitar seu imóvel. "Ele viajava sempre, mas numa dessas não voltou mais. A casa ficou mais de um ano fechada antes de esse pessoal chegar", diz Eliene Vieira. Dona de um comércio ao lado, mantinha boas relações com o dono da empresa. "Era gente boa. Só não faço idéia de por que ele foi embora, já que havia investido tanto", diz.

Nem a prefeitura parece saber. Interrogado sobre os procedimentos para a desapropriação do imóvel, um assessor da Secretaria Municipal de Habitação revelou: "temos de avisar ao dono, mas não conseguimos encontrá-lo".

LADEIRA apurou que nem o prédio nem o terreno possuem registro no município. Entretanto, até hoje chegam contas de água, que não são pagas desde janeiro de 1996. As 120 tarifas atrasadas acumulam uma dívida de R\$ 2 mil, fora os juros. Em toda a rua Manari, apenas 17 residências possuem escritura. ▀

MOVIMENTO SOLAR



Lucas Santana

PROJETO DA UFBA LEVA DANÇA E MÚSICA AO CINE-TEATRO DO ENGENHO VELHO

Cine-teatro da Boa Vista é o único equipamento cultural público em Brotas

Duto Santana deu o pontapé inicial com seu Well – Come... acho que está gostoso!, trabalho em que sentar, cair e caminhar “falam da busca por laços de amor e da tentativa de mantê-los”, explica ele. Em seguida o grupo Laboratório Corpobrincante com sua Quadra Compassada, na qual os dançarinos entram num jogo musical em torno de um quadrado imaginário “Usamos elementos brasileiros, que não recebem a devida consideração acadêmica”, afirma Leonardo Chagas, um dos integrantes.

Prazer, meu nome é Otária abriu a sessão do dia 4. A montagem de Ísis Oliveira fala das “pequenas mutilações invisíveis” que sofremos todos os

dias na sociedade. “Eu própria fui vítima de uma mutilação, ao ser assaltada no ônibus que me trouxe aqui”, desabafou. Violência foi justamente o tema de Verônica Moraes em seu Bom de Quebrar, que alterna tensões e interrupções. A artista busca espaços fora do grande circuito para sentir outros públicos. “Prefiro uma platéia que não tenha contato com dança contemporânea, gosto de provocar estranhamento”, diz. 7 vídeos com performances corporais fecharam o primeiro fim-de-semana.

Um apanhado de composições que vão desde a renascença até a música brasileira recente é o repertório da Orquestra de Violões da Escola de Música da Ufba, atração do dia 10. Sob regência de Angelo Fonseca, o grupo de 16 instrumentistas é formado por alunos da graduação. Entre as peças tocadas estão trabalhos do inglês Thomas Morley e do brasileiro Hermeto Pascoal.

POUCA GENTE

Público foi o que faltou. Com capacidade para cerca de 400 pessoas, o teatro não viu mais

que 110 espectadores nos dois primeiros dias. No terceiro dia, casa mais cheia, com 135 pessoas. Os organizadores acreditam que a pouca divulgação foi responsável pelo comparecimento morno. “Tivemos um problema de confirmação por parte dos artistas com quem acertávamos. Por isso só pudemos enviar o material para a gráfica em cima da hora, e nem pudemos usar outros meios, como carros-de-som”, explica Márcio Mascarenhas, coordenador de comunicação do evento.

Boa parte dos que compareceram são freqüentadores assíduos, moradores das redondezas. É o caso do estudante Alessandro Silva, 17 anos. “Venho sempre que tem alguma coisa”, garante. Flávia de Jesus, 23 anos, é diarista, e diz amar o teatro. “Chamo todo mundo, mas dificilmente alguém acompanha. Então levo os meninos”, diz, abraçando as numerosas crianças ao seu redor. Desta vez conseguiu trazer a amiga Laiane Santos, 25 anos, também diarista. “Moro aqui, mas nunca vim”. Confesso que não entendi muito a dança, mas gostei”, garante. ✎

QUEM mora em Brotas e gosta de curtir uma programação cultural costuma ir à Biblioteca Central dos Barris para desfrutar um espetáculo, mesmo havendo o Cine-Teatro Solar Boa Vista no Engenho Velho. Nenhuma surpresa: durante anos o espaço esteve subutilizado, de portas fechadas à comunidade. Mas algumas iniciativas indicam novos rumos para a cultura no bairro.

A mais recente delas é o 3x4 – Circuito de Produção Cultural, realizado entre os dias 3 e 25 de novembro em espaços de bairro da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Funceb). O projeto, um trabalho de alunos do curso de Produção Cultural da Universidade Federal da Bahia (Ufba), apresenta amostras da nova produção das escolas de Dança, Música, Teatro e Belas Artes da universidade. Escolhido para a abertura, o Solar recebeu performances de dança, vídeos e uma orquestra de violões.



Lucas Santana

Cortejo em homenagem a Pierre Verger deu a volta no Engenho Velho, onde o francês morou

turas) Pierre Verger, que completaria 105 anos no dia 4 de novembro. Apaixonado pela cultura das nações africanas vindas ao Brasil, instalou-se no número 6 da 2ª Travessa da Vila América, Engenho Velho, e iniciou um trabalho de pesquisa e documentação de histórias, ritos tradições que ainda hoje repercute nas apertadas vielas do bairro, na forma da fundação que leva seu nome, criada pelo próprio em 1988, oito anos antes de sua morte, em 1996.

Para lembrar a data, os atuais gestores de seu trabalho saíram em cortejo animado pelas ruas do bairro. Com muita batucada, berimbau e cantoria, cerca de 150 pessoas desafiaram o

calor e o domingo de feriado prolongado e apresentaram as atividades desenvolvidas no Espaço Cultural Pierre Verger, fundado no aniversário do francês.

A instituição é um desdobramento da Fundação, criado “oficialmente” em 2005, “mas desde 2002 trabalhamos com arte-educação. É uma forma de ampliar horizontes, pois a realidade daqui marginaliza as pessoas, gerando a violência que vemos todos os dias”, explica Angela Lühning, professora e coordenadora do Espaço. Lá funciona um Ponto de Cultura, programa do governo federal que apóia projetos de ação cultural comunitária.

Atualmente são oferecidas mais de 10 oficinas regulares, com duração média de 6 meses. Cerca de 240 crianças, jovens

e adultos aprendem dança afro, fotografia, capoeira e música, atividades que complementam suas formações educacionais e ampliam suas visões de mundo para além das limitações impostas por um dia-a-dia desfavorável. Com mais de 2 mil volumes, a biblioteca do Espaço oferece um lugar para consulta e empréstimo de obras diversas.

Mas a intenção aqui não é formar profissionais, a exemplo de muitos outros projetos semelhantes. “O importante é mostrar que existe algo além destas ‘quebradas’. Passamos conhecimentos para a vida, e isso em si é uma grande diferença para quem normalmente está distante disso. No meu caso, por exemplo, propo-

TINDÔ LELÊ!

CORTEJO NO ENGENHO VELHO MARCA O ANIVERSÁRIO DO ESPAÇO CULTURAL PIERRE VERGER

RICO jovem francês, acostumado a freqüentar requintados salões de festa parisienses e dirigir os últimos modelos dos carros mais possantes escolheu viver entre pessoas negras e humildes num bairro periférico de uma terra distante, vista por muitos como selvagem.

Esta foi a vida do fotógrafo e etnólogo (estudioso de cul-

Os alunos mostraram um pouco do trabalho das oficinas



Lucas Santana

inho um aprendizado do olhar”, diz Lázaro Roberto, responsável pela oficina de fotografia pinhole, técnica simples que usa apenas uma lata furada e papel para registrar imagens. Tanto as oficinas quanto o empréstimo são gratuitos, e abertos ao público.

AMIZADE

Poucas pessoas foram tão próximas a Verger quanto Carlos Pereira dos Santos, o Negrizu. Os dois se conheceram no início dos anos 1980, devido a uma pesquisa que Negrizu realizava sobre o orixá Xangô para o afoxé Montenegro. O dançarino, ator e professor da Fundação recorreu ao francês, que já era renomado mundialmente pela publicação de suas

fotografias e textos. Tornaram-se amigos e passaram a trabalhar juntos.

A dupla viajou pelo Continente Negro, visitando países que influenciaram culturalmente com a Bahia por terem sido os lugares de onde milhões de pessoas partiram, levadas como escravas para o trabalho nas lavouras brasileiras. Eram tão chegados que recebeu do francês a tarefa de catalogar seu acervo de nada menos de 63 mil negativos. “Ele era muito cuidadoso com suas coisas, manteve tudo em excelente estado por anos a fio. Mas era chegada a hora de pôr tudo em ordem”, diz Negrizu, por muito tempo o único autorizado a lidar com a obra. Uma parte deste material está disponível na página da Fundação na internet. ▀

Cleide Craw



Negrizu foi o braço direito de Verger

Lucas Santana



MESA TEM. E O TETO?

MESATENISTAS BAIANOS VÃO BEM NAS COMPETIÇÕES. SÓ NÃO TÊM MAIS ONDE TREINAR

SE conseguir uma vitória fora de casa não é fácil, imagine não ter casa quando retornar. Com o fechamento para reforma da tribuna de honra do estádio da Fonte Nova no início de outubro, os mesatenistas de Salvador dispõem de apenas um espaço para treinamento, e existe o risco de a Federação Baiana de Tênis de Mesa (FBTM) não ter sequer lugar para guardar seus materiais. A situação contrasta com o bom momento do esporte

nas competições nacionais e com as recentes melhorias estruturais da instituição.

O espaço era utilizado pela FBTM desde outubro de 2006, quando o fechamento parcial da Associação Atlética da Bahia (Barra) obrigou a entidade a procurar outro local para abrigar suas atividades rotineiras. “Era um lugar amplo e bem central. Isso nos ajudou, e muito, na difusão do esporte”, afirma Antônio Chaves, atual dirigente.

Desalojados, os atletas tomaram a iniciativa de encontrar espaços para treino. Chegaram a contar com 4 lugares no início deste ano: Clube do Banco do Nordeste (Pituaçu), Shopping Aeroclub (Boca do Rio), Clube Fantoques (Largo Dois de Julho) e a própria Sudesb. “Isso gerou uma rivalidade positiva, com várias agremiações querendo se mostrar a melhor, elevando a qualidade dos torneios”, diz Rivalino Júnior, considerado o principal atleta baiano da atualidade.

O que era bom durou pouco: o Clube BNB e o Aeroclub tam-

bém fecharam para reforma. Sem o salão da Fonte Nova, o Fantoques funciona como centro de treinamento oficial da FBTM. Mas o falecimento do dono do clube no final de outubro põe em risco o único lugar para a prática regular do esporte em Salvador.

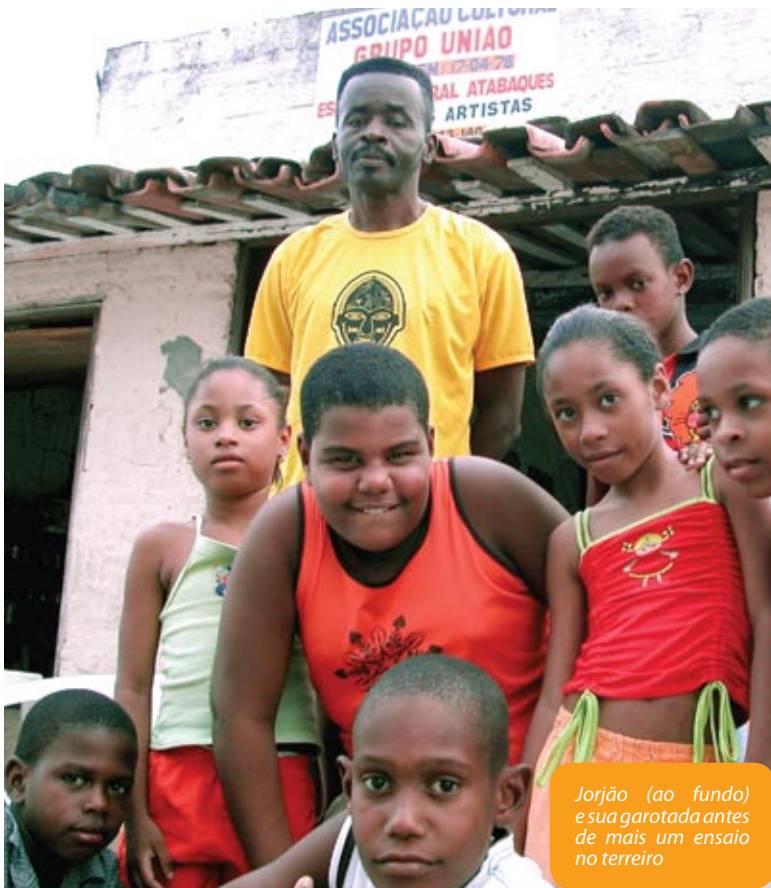
BOA ESTRUTURA, BONS RESULTADOS

Apesar de estar às voltas com suas instalações, a FBTM conta hoje com o patrimônio mais extenso desde sua fundação, em 1955. Até os tempos da Associação Atlética, os materiais pertenciam a Luiz Carlos Santos, então presidente da Federação. Com sua mudança para outro estado, a chefia passou para Antônio Chaves, que decidiu equipar a entidade. A primeira ação foi comprar os equipamentos de Luiz Carlos. “As mesas estavam em estado precário, mas ainda serviam”, diz Chaves.

Empréstimos junto à Confederação Brasileira de Tênis de Mesa permitiram novas aqui-

sições, e hoje a Federação dispõe de 14 mesas, 12 placares, pódio, sonorização, raquetes para iniciantes, além de mesas e cadeiras para os árbitros. Uma parte dos equipamentos é emprestada para fomentar a prática no interior, como é o caso dos centros de Ilhéus e Cruz das Almas. “O esforço parece ter valido a pena”, garante o presidente. “Tanto até que tivemos de dividir as etapas do campeonato baiano em dois dias, para acomodar a demanda crescente”.

Falando em competições, as conquistas recentes têm demonstrado o bom nível técnico dos baianos. No Aberto de Maceió, realizado em julho, 16 dos 19 atletas que formavam a delegação subiram ao pódio. Em agosto, dos 16 que foram a Recife para a Copa Brasil, 11 voltaram com medalhas. A etapa seguinte da Copa, em Fortaleza, foi ainda mais proveitosa. Rivalino Júnior levou o título da principal categoria, e o time de 13 competidores teve apenas um a voltar para casa de mãos vazias. ▀



Jorjão (ao fundo) e sua garotada antes de mais um ensaio no terreiro

NASCEU JORGE SACRAMENTO DOS SANTOS HÁ 55 ANOS, NA MESMA RUA MANUEL FAUSTINO ONDE REUNIRIA NOMES COMO GILBERTO GIL, ZEZÉ MOTA E MORAES MOREIRA PARA OS ENSAIOS DO AFOXÉ BADAUÊ NOS IDOS DE 1970. O PRIMEIRO DOS QUATRO NETOS DA IALORIXÁ AMÉLIA APRENDERIA DESDE CEDO COM A "VÓ" MUITO ALÉM DOS CANTOS, RITMOS E DANÇAS NECESSÁRIOS À SUA FORMAÇÃO DE OGÃ. AS HISTÓRIAS DIZIAM QUE SEUS SEMELHANTES, MORADORES DO ENGENHO VELHO E DE TANTAS OUTRAS PARAGENS, ERAM DESCENDENTES DA GENTE ARRANCADA DE ÁFRICA, E POR ISSO NÃO ERAM CONSIDERADOS IGUAIS AOS OUTROS. JORGE VIROU JORJÃO BAFAFÉ, RODOU O MUNDO COM SUA PERCUSSÃO, É MESTRE DE CULTURA POPULAR; A RUA, DE TANTOS FAMOSOS, É AGORA A PRAÇA DOS ARTISTAS. MAS A DISCRIMINAÇÃO SEGUE. NA SEDE DE SEU BLOCO OKANBI, NA PRAÇA DA BOA VISTA, JORJÃO FALA DE CANDOMBLÉ, JIMMY CLIFF E CONSCIÊNCIA NEGRA.

Fotos: Lucas Santana

ELE, JORJÃO BAFAFÉ

Ladeira: Por que Bafafé?

Jorjão Bafafé: Ah, isso vem do terreiro. É uma saudação à ialorixá [mãe-de-santo].

L: Como aconteceu seu envolvimento com o candomblé?

JB: Natural. Minha avó era ialorixá, vinda de Santo Amaro ainda menina, então cresci no terreiro. Sempre gostei da coisa. Comecei ainda menino a me desenvolver, até chegar ao que sou hoje, ogã.

L: Como era o bairro naquele tempo?

JB: Na minha infância, o Engenho Velho ainda era rural, apesar de estar no meio da cidade. Tinha muito espaço verde, ótimo para a criançada. Éramos ainda mais discriminados: não tinha luz elétrica nem água encanada, e o transporte só passava por fora, pela Frederico Costa. Mas não se viam assaltos, estupros, drogas. Acho

que essas coisas chegaram com o "progresso".

L: Progresso?

JB: Sim, essas coisas que temos hoje. Por exemplo: uma das mudanças mais importantes foi a construção da avenida no [vale do] Ogunjá, que facilitou o movimento em torno do bairro. Ela acabou atraindo pessoas de outros lugares, porque o lugar era tranquilo. Surgiram muitas invasões, e a violência está associada a esse crescimento desordenado, maluco. Mas uma coisa não muda: esse costume de bater papo na porta de casa, o fuxico... [risos] Verdade! É um tal de falar da vida dos outros que eu vou te contar... A meninada nova toda repetindo esse costume que herdou dos pais. Chegam de manhã, sentam, bebem, comem, fazem tudo, e só saem para dormir! Todos sabem o que você anda fazendo.

"SABE QUAL O MAIOR MOVIMENTO DE NEGRO DA MINHA ÉPOCA? O TERREIRO DE CANDOMBLÉ"

L: Como você se iniciou na música?

JB: No terreiro, claro! Tinha que aprender. Comecei pelo agogô, o lé, o rompilé e o rum, que formam o conjunto do candomblé. Para ser ogã eu devia saber tocar, cantar e dançar. Isso preparou minha musicalidade.

L: Daí para o carnaval, o que aconteceu?

JB: Do candomblé eu saía direto pra fazer um samba no meio da rua. Ainda na década de 70,

a coisa ganhou corpo, e acabamos criando um bloco, que em logo depois se transformou em afoxé: o Badauê. Ficou famoso, atraiu muita gente famosa: Gil, Caetano, Moraes Moreira, todos esses passaram por aí, fizeram um som. Luiz Melodia é inclusive o padrinho do Okanbi. Com a popularização dos afoxés pelos artistas, os trios passaram a requisitar percussionistas, pois no trio só tinha cordas, só os brancos tocavam. Quando eles quiseram uma batucada, tiveram que chamar o negão. Aí, sabe como é: chega uma hora em que o músico precisa se estabelecer financeiramente, então em 83 passei a tocar como profissional. Toquei com a Bahia inteira, deus e o mundo. Recebi convites para tocar em trios, como o da banda Furta-cor, viajei ao Senegal com Lazzo Matumbi, mais à frente integrei o Ara Ketu.

L: Tantos convites, numa época em que o carnaval era bastante racista. Não houve resistências à incorporação dos negros?

JB: Sim, mas enfrentamos. Gil foi muito importante nesse processo, trouxe vários ritmos que não chegariam por outros artis-

tas, como o próprio reggae, que hoje todo mundo toca, é popular. Mas na época não, nos anos 1970 isso era música de preto, por isso não prestava. Já tínhamos o Ilê, o Badauê, a negada estava tomando consciência. Nos Estados Unidos acontecia a revolução da arte negra, que tentávamos aproveitar aqui. Sempre nos espelhamos nos negros americanos, pelo poder que têm em sua sociedade. Lá o negro tem sua casa, seu carro, sua piscina, tem status igual ao dos brancos. Aqui é visto como marginal.

L: Então a consciência surgiu em você através da música?

JB: Comecei a desenvolver essa consciência ouvindo as histórias de minha mãe e de minha avó, que me contavam sobre os carnavais antigos, sobre os Filhos de Gandhi, que não podiam subir para participar do mesmo desfile dos clubes sociais na Avenida Sete e tinham que brincar na Baixa dos Sapateiros. Mais tarde eu mesmo senti isso na pele, e participei das mudanças.

L: Você havia dito que se espelhava nos americanos.

JB: Verdade! Usávamos calças

boca-de-sino no meio da bar-riga, cabelos daquele jeito pra cima mesmo, ouvíamos o som que vinha de lá [dos Estados Unidos]. Todo final de semana rolava festa na casa de um. A gente se vestia americanizado e se acabava de dançar as músicas de James Brown até altas horas. Nesse tempo a gente nem olhava para a África direito, só pensava nos Estados Unidos. Já fui black power, já fui rasta. Hoje sou eu mesmo [risos].

L: Não se olhava para a África?

JB: Olhe, a consciência negra em si, com esse nome, surgiu com os americanos. Aqui o pessoal estava atento a eles e se organizava também, com o Movimento Negro Unificado, que abriu muito a minha cabeça. Participava das reuniões, mas não era muito assíduo; achava a conversa meio contraditória. Hoje continuo organizado: estou no Fórum de entidades Negras, que congrega 14 entidades, não só ligadas ao carnaval. Mas isso de movimento... Sempre dizia nas reuniões – e isso causava polêmica – que, antes do movimento negro, havia o movimento de negro. E sabe qual era o maior movimento de negro da minha época? O terreiro de candom-

blé, a resistência que sempre existiu. Mesmo assim, posso dizer que aprendi muitas coisas com o MNU, como discutir política, agir contra o racismo, identificar as armadilhas da sociedade contra o negro.

L: Armadilhas?

JB: Claro, sempre põem dificuldades no caminho do negro. Por exemplo: mesmo tendo evoluído bastante, posso dizer que nosso carnaval ainda é do apartheid. Os blocos negros não são respeitados, só recebem recursos do governo em cima da hora, atrapalhando toda a organização. A cada ano mudam as exigências, pedem muitos documentos, dificultam o processo ao máximo.

L: Os recursos vêm do Estado?

JB: Nossos recursos [do Okanbi] vêm dos órgãos públicos e de algumas empresas privadas. Suamos a camisa pra achar um patrocinador privado, mesmo tendo um projeto aprovado pela Lei Rouanet [de patrocínio via isenção fiscal]. Eles só querem pôr a marca deles em blocos famosos onde já existe mídia em torno. Um Ilê, um Olo-dum até consegue, mas os menos expressivos ficam de lado. O Estado é que tem que bancar,

“NO TRIO SÓ TINHA CORDAS, SÓ OS BRANCOS TOCAVAM. QUANDO ELES QUISERAM UMA BATUCADA, TIVERAM QUE CHAMAR O NEGÃO”

porque ele vende a imagem do negro, sua cultura. É isso que as pessoas buscam quando vêm aqui. Então tem que ajudar.

L: Fale um pouco sobre o Okanbi.

JB: Começamos como afoxé no início dos anos 80, mas logo viramos bloco. Saímos algumas vezes, mas paramos por falta de recursos, voltando nos anos noventa. Levamos, no máximo mil pessoas para a Avenida. Mais do que isso fica complicado de organizar com nossos recursos, até porque não vendemos as fantasias, distribuimos para pessoas envolvidas com cultura, arte e trabalho social. Posso dizer que hoje o Okanbi é mais do que carnaval: oferece cursos de diversos tipos, como uma contrapartida social para nossa comunidade. Não podemos ser apenas tocadores de tambor, de atabaque. Para mim é uma honra, mas não podemos ser apenas isso.

L: Quando você começou a se dedicar ao trabalho social?

JB: Mais uma vez: no terreiro de candomblé. Lá aprendi cidadania, esse trabalho social; aprendi também a dividir aprendizado.

“DEVIA FAZER UM SHOW [COM JIMMY CLIFF], ACABEI FICANDO TRÊS ANOS POR AÍ COM ELE. MESMO SEM FALAR UMA PALAVRA DE INGLÊS”



O candomblé tem essa filosofia de repartir, ajudar a quem quer que seja. Outras religiões também, talvez, mas no candomblé isso é muito forte. Minha avó chegava a abrigar gente desconhecida, que estava passando mal nas redondezas. Pegava, dava de comer e curava, e sem cobrar um tostão. Não sabia ler nem escrever, mas administrava muito bem o que havia conseguido desde menina, e sempre ajudando os outros.

L: O que mudou com o título de Mestre Popular da Cultura?

JB: Olhe, dinheiro não dá não [risos], mas dá reconhecimento, melhora o currículo, o que ajuda bastante. Volta e meia sou procurado por causa disso, e quem ganha é o Okanbi, é a comunidade.

L: Você tem ídolos? Quem?

JB: Ah, muitos... [risos]. Fico com três: Lazzo, que me levou para o mundo; Jimmy Cliff, porque sempre adorei o som dele, e tive a honra de acompanhá-lo, e [Nelson] Mandela, porque acreditou na mudança da África do Sul.

L: Como você conheceu Jimmy Cliff?

JB: Já conhecia o trabalho dele havia muito. Assisti ao primeiro show de reggae daqui, ele

com Gil, nos anos 70, na Fonte Nova. Tinha um monte de discos do cara. Mas isso de tocar com ele foi muito depois. Quando saí do Ara Ketu, em 96, me voltei para meus estudos no barracão, para meu terreiro. Fiquei dois anos nessa, até que o telefone tocou. Era Lazzo Matumbi me chamando para tocar com Jimmy Cliff. Fui no ano seguinte, porque estava no meio da turnê. Devia fazer um show, acabei ficando três anos por aí com ele. Mesmo sem falar uma palavra de inglês [risos].

L: Fale de seus próximos projetos.

JB: Estamos trabalhando num projeto de CD e DVD com nossa produção, dos nossos meninos. Temos um trabalho de cultura para desenvolver não só aqui dentro, mas para o povo de fora conhecer também. Quero divulgar o que adquiri ao longo de uma vida juntamente com as crianças. Isso é mais importante do que o bloco. O bloco é de carnaval, mas isso é minha vida, meu costume, que aprendi no terreiro de candomblé dançando, cantando, brincando. Brincando aprendi e tomei consciência da minha situação. Quero passar a experiência de alguém que cresceu dentro dessa cultura de matriz africana. ▀



A BAHIA VAI FICAR FORA DA COPA DE 2014. ISSO É O MÍNIMO

27 pessoas despen-
cavam dos bancos
podres do estádio da Fonte
Nova, enquanto Nilo dos
Santos Júnior, diretor res-
ponsável pelos espaços es-
portivos da Superintendên-
cia dos Desportos do Estado
da Bahia (Sudesb), estava
empenhado em uma tarefa
fundamental para a recupe-
ração do templo máximo
do futebol baiano. Reforma
das arquibancadas? Errado.
A tribuna de honra é que
merecia um grau.

Em outubro, quando foi pro-
curado para falar um pouco
sobre o fim dos treinos de
tênis de mesa que ocorriam
ali (vide pág. 05), **LADEIRA**
foi informada pela asses-
soria de comunicação que
ele estaria “muito ocupado”
com a tal reforma, de modo

que não teria tempo dispo-
nível para esclarecimentos.

Novinha em folha, certa-
mente a tribuna seria um
reforço a mais na estrutura
da Fonte, que assim, vita-
minada, conseguiria su-
portar toda a alegria – sem
falar do peso – de 60 mil fa-
náticos presentes em cada
um dos 8 últimos jogos dis-
putados aqui. Sem dúvidas
a memória de nosso espor-
te tem o místico poder de
fechar o corpo do estádio.
Não fechou, acho que sei
por que: as obras nem co-
meçaram ainda...

Perguntados sobre o moti-
vo de não terem interdita-
do o estádio mesmo com
a ação civil encaminhada
pelo Ministério Público ain-
da em janeiro de 2006, nos-

RAIMUNDO NONADA

os governantes se safaram
com aquela clássica descul-
pa do PT: “eu não sabia, mas
todas as providências estão
sendo tomadas para punir
os responsáveis”.

Sabiam sim. Todos sabiam.
Ou será que Bobô foi em-
possado sem dar um rolé
pelo lugar onde iria despachar?
No fim do governo
passado, houve um perí-
odo de dois meses destina-
do à “transição”, ou seja, à
passagem suave de uma
gestão à outra, para evitar
surpresas desagradáveis.
Me belisque se ninguém
reparou nos buraquinhos
de 15 cm de diâmetro que
davam àquela parte dos as-
sentos um aspecto de quei-
jo suíço. Devem ter achado
chique de morrer. Não esta-
vam de todo errados. ▀



Lucas Santana

ANUNCIE AQUI!

71 8888-7756